

INTRODUÇÃO

A nova desordem mundial

Analisei há uns anos a influência de certas ideias «esotéricas» ou «ocultistas» na política no mundo moderno. O «ocultismo» representa o «escondido», o «esotérico» significa o «interior»; em geral ambos referem-se a aspectos da realidade que ultrapassam de alguma maneira a forma mais comum, racional e científica de olhar para as coisas — algo a que, vagamente, chamamos «mágico». Apesar de a ciência pretender, por norma, desmistificar tais ideias, declarando-as supersticiosas e absurdas, estas persistem e, como já tentei demonstrar noutros livros, deram origem a uma espécie de espólio constituído por esse «conhecimento rejeitado» alternativo que tem vindo a ser produzido pela cultura e a história ocidentais praticamente desde a sua origem¹.

Um dos objectivos do meu livro *Politics and the Occult* era demonstrar não ser necessariamente verdadeira a ideia popular comum, difundida por escritores como Umberto Eco, de que qualquer tipo de «política ocultista» se situa claramente à direita do espectro político². Pelo contrário, sugeri que também existe uma política ocultista «progressiva», cuja influência conseguiríamos descobrir na História se a procurássemos. Poderia, por exemplo, ser encontrada em pessoas e em movimentos como o Rosa-Cruz na Alemanha do século XVII, ou no papel das teosofistas Helena Petrovna Blavatsky e Annie Besant na independência da Índia.

Blavatsky é um bom exemplo da má reputação do oculto na esfera política. Como autora de *A Doutrina Secreta*, um clássico

do esoterismo que é uma obra extensa sobre a história oculta da humanidade e do Universo, é muitas vezes referida como a origem de teorias que por apropriação indevida de pensadores supremacistas arianos alimentaram as abomináveis ideias raciais do nacional-socialismo. Todavia, um facto muito pouco referido prende-se com a influência de Blavatsky sobre Mahatma Gandhi. Encontraram-se pouco antes do falecimento da autora, numa altura em que Gandhi por intermédio de amigos teosofistas acabara de descobrir o *Bhagavad Gitá*, o livro sagrado espiritual hindu. Como demonstrei no meu livro sobre Blavatsky, o *Gitá* tornou-se o livro mais importante na vida de Gandhi, que até à morte se mostraria grato à teosofia por lho ter dado a conhecer. No próprio dia do seu assassinio elogiou a teosofia no seu jornal, o *Harijan*³. Basta este facto para provar que qualquer argumento que estabeleça a política ocultista como sendo um fenómeno unicamente de direita é falso.

Continuo a acreditar ser assim, que a ligação automática do ocultismo à política de direita é desadequada, apresentando apenas metade do cenário. Neste meu livro seguirei um caminho diferente. Ao contrário de *Politics and the Occult*, irei centrar-me no elo entre o oculto e a política de extrema-direita, não do passado, mas do presente, ou seja, nos dias que vivemos. E porque considero este livro com esta nova abordagem tão imperativo quando antes envidei tantos esforços para defender que o ocultismo na política não deveria ser de imediato desviado para a extrema-direita do espectro político? Porque nos últimos tempos o ocultismo voltou a ter um lugar influente na política, na maioria dos casos longe de um contexto de esquerda.

O que me leva a dizer isto? Nas páginas que se seguem espero apresentar provas de uma nova incursão do ocultismo de extrema-direita no cenário político contemporâneo. Todavia, a melhor forma de iniciar esta análise talvez seja explicar como comecei a aperceber-me desse fenómeno e da sua irradiação. Isso aconteceu-me, como é comum nos tempos que correm, frequentando as redes sociais.

Li uma tarde no Facebook uma publicação de Harvey Bishop, o bloguista do Novo Pensamento. Como os leitores provavelmente terão

ouvido dizer, Novo Pensamento é um nome genérico para um movimento assente numa miríade de crenças, filosofias e práticas várias baseadas na ideia central de que a mente tem o poder de influenciar directamente a realidade, de poder «fazer as coisas acontecerem» apenas pelo esforço mental. Começou a ganhar os contornos actuais no início do século xx, tendo vindo a conhecer diversas renovações, constituindo de algum modo hoje a base espiritual do New Age. Muitos leitores talvez conheçam o Novo Pensamento graças ao livro e filme de sucesso de Rhonda Byrne: *O Segredo*. Identificado por designações como Ciência Mental e Ciência da Mente, entre outras, o Novo Pensamento ensina métodos de visualização e imaginação criativa, graças aos quais é possível conceber uma realidade futura e torná-la realidade. Imaginando essa realidade com força de vontade suficiente, persistência e empenho, o Novo Pensamento defende que esse futuro pensado e desejado irá acontecer.

Bishop e outros praticantes do Novo Pensamento sublinham os aspectos positivos dessa prática e a sua ligação à espiritualidade. Na verdade, ele defendeu numa das suas intervenções mais populares que, graças ao «poder do pensamento positivo» — título de um livro de grande sucesso sobre o Novo Pensamento —, qualquer pessoa consegue concretizar os seus propósitos, alcançar objectivos e, em geral, garantir uma vida gratificante e realizada. Mas a publicação de Bishop não era sobre isto, na verdade dizia respeito a algo muito mais sombrio.

Uma das consequências mais perturbadoras da vitória do bilionário Donald Trump na corrida à presidência dos Estados Unidos, em Novembro de 2016, aconteceu na conferência anual do National Policy Institute (NPI) que decorreu pouco depois das eleições no Ronald Reagan Building, não muito longe da Casa Branca. «National Policy Institute» parece ser um nome inocente para aquilo que muitos acreditam ser uma organização nacionalista de brancos⁴. A ascensão de Trump tem vindo a ser vista pela extrema-direita — nos Estados Unidos e também na Europa — como um sinal do declínio do domínio liberal, acreditando ser a sua vez de ocupar o poder. Durante a campanha de Trump surgiu um movimento de extrema-direita, vagamente ligado entre si através da internet, baptizado de

«direita alternativa» ou «*alt-right*» por Richard Spencer, o dirigente do National Policy Institute, para distanciar a sua novidade de movimentos antecessores menos sofisticados. Encantado com a vitória de Trump, Spencer saudou a conferência do NPI com um entusiasmo arrepiante que desencadearia uma resposta ainda mais tenebrosa. A plateia respondeu às saudações de Spencer — «*Hail Trump, hail* o nosso povo, *hail* a nossa vitória!» — com um aplauso passional e não foram poucas as saudações nazis — ou melhor, romanas, tal como Spencer explicaria mais tarde⁵. O facto mais perturbador foi, no entanto, Spencer e os seus seguidores reivindicarem os louros pela vitória de Trump. Chamaram-lhe uma «vitória da vontade» e declararam: «A nossa vontade levou Donald Trump ao poder, tornámos esse sonho a nossa realidade.»⁶

Como foi sublinhado por Bishop, tornar os sonhos realidade é um dos objectivos principais do Novo Pensamento. Para se materializar através do poder da vontade intencional é necessário existir um desejo intenso. Na sua publicação Bishop revelou ainda preocupação com a possibilidade de Spencer e os seus seguidores, guiando-se pelas ideias centrais do Novo Pensamento, poderem na sua prática transformá-lo em algo que nem ele, Bishop, nem muitos outros viessem a considerar positivo.

Mais à frente iremos analisar melhor o modo como os «sonhos» de Spencer e da *alt-right* terão ajudado na eleição de Trump — e se, de facto, tiveram esse poder. Para já, adianto que pode ter envolvido um outro fenómeno da mesma natureza conhecido como «magia meme». Meme é um conceito que foi cunhado pelo biólogo Richard Dawkins, autor do famoso *O Gene Egoísta*, que defendia que os memes tinham no plano cultural a mesma função que os genes desempenham no organismo. Memes são ideias, comportamentos, estilos, imagens, símbolos, *slogans*, ou qualquer outro desenvolvimento cultural que possa ser transmitido e imitado por outros. Como acontece no jogo do «telefone sem fio», em que uma mensagem acaba por ser alterada quando sussurrada de pessoa para pessoa acabando o conteúdo final por ser muito diferente do inicialmente comunicado, os memes são flexíveis e influenciados pela transmissão.

Quando este termo foi criado, em 1989, por Dawkins, os principais meios que levavam à disseminação dos memes envolviam livros, arte, música, televisão e filmes — meios da velha guarda. Nos dias que correm disseminam-se pela internet «biologicamente» de uma forma muito semelhante à ideia que fazemos da transmissão dos «vírus informáticos».

A faceta *magick* da magia meme advém da sua ligação àquilo que é conhecido como «magia do caos». Explicaremos mais adiante aquilo a que se propõe este tipo de magia, *magick*, na grafia adoptada por Aleister Crowley, o mágico mais famoso do século xx. Por agora posso adiantar que optou por um método «faça você mesmo», em vez dos feitiços, grimórios*, rituais, cerimónias e símbolos tradicionais, valorizando assim a iniciativa pessoal do mágico e a sua capacidade de improviso. Em vez de se preocupar com varinhas, sinos, incensos ou encontrar o nome exacto de um demónio em particular, a magia do caos utiliza o que estiver à mão de semear. Na magia do caos actual isto significa que os memes encontram na internet o seu meio de difusão perfeito!

Para os mágicos do caos e muitos outros ocultistas, a internet exerce a mesma função e realiza numa escala porventura incomensuravelmente maior o mesmo objectivo que o «plano astral» exerce para os mágicos tradicionais, como uma espécie de éter psíquico por onde transmitem as suas desejadas intenções. A magia meme concretiza-se quando algo criado na internet é transferido para o «mundo real», alterando-o. Na verdade, é uma espécie de «sincronicidade» induzida, o fenómeno a que o psicólogo C. G. Jung se refere como «coincidência significativa», que se verifica quando aquilo que está a acontecer no nosso mundo interior acontece também no mundo exterior, sem nenhuma relação causal aparente. Se substituirmos o termo «mundo interior» por «internet» é fácil perceber a ligação.

No que se refere aos «mágicos» da *alt-right*, que sonharam e desejaram que Trump entrasse na Casa Branca, o meme em questão é representado pela figura antropomórfica de um sapo conhecido

* Colecções medievais de feitiços.

por Pepe, personagem de uma série de banda desenhada*. Pode parecer confuso, mas é pelo caos que afinal a magia de que falamos se interessa...

Se tudo isto se limitasse a um pequeno grupo de entusiastas da extrema-direita que no regozijo de uma possível vitória de Trump deixassem as ideias sobre o poder do pensamento positivo subir-lhes à cabeça, seria fácil confundi-los com a franja lunática daqueles que acreditam que a Terra é plana, que nunca fomos à Lua e outras conspirações delirantes do género. Estaríamos, porém, a deixar de fora um elemento fundamental desta história. O presidente que Spencer e companhia acreditaram terem conseguido fazer chegar ao poder graças à força da sua vontade era, como já referi, Donald Trump, e chegou.

Não é segredo que o próprio Trump é um grande entusiasta e instigador de teorias da conspiração, como, por exemplo, a sua defesa do mito do nascimento[†], a sua aceitação dos «*chemtrails*»[‡], e muitas outras conjecturas mais do que duvidosas. Também é sabido que Trump é devoto do «pensamento positivo». Como o próprio afirmou, foi «o melhor aluno» do homem que popularizou esta expressão, o reverendo Norman Vincent Peale. Como já referi, o livro *O Poder do Pensamento Positivo* foi publicado em 1952 e teve êxito imediato, o que era expectável num livro que indica aos seus leitores como alcançar sucesso na vida. Trump aprendeu o grande segredo com Peale: «A mente consegue ultrapassar qualquer obstáculo.»⁷ Como se veria, o presidente que terá sido eleito pela força de vontade da

* *Boy's Club*, criada por Matt Furie. Em 2015, Pepe tornou-se um meme muito popular na internet quando a sua imagem foi utilizada por membros do movimento *alt-right*. Em 2016, a Liga Antidifamação adicionou Pepe à lista de símbolos de ódio, acrescentando, no entanto, que nem todos os memes da personagem são racistas. Desde então Matt Furie tem expressado publicamente o seu desgosto por Pepe estar a ser usado como símbolo de ódio.

† Teoria que promove a crença de que o ex-presidente Barack Obama nasceu fora dos Estados Unidos. Donald Trump chegou a questionar a cidadania de Obama.

‡ Teoria dos rastos químicos: rastos de condensação deixados no ar pelos aviões.

alt-right por meio do poder do pensamento positivo também é um forte praticante do mesmo.

E o que também é curioso e estranho neste contexto muito confuso é o facto de Trump parecer ser ele próprio um mágico nato do caos.

Algo que logo transpareceu durante a campanha dele e ficou ainda mais claro durante os primeiros meses da sua presidência foi o facto de agir e reagir de forma muito diferente dos outros políticos. Muitos defendem que foi esta característica que lhe deu tantos votos. Os oponentes de Hillary Clinton argumentaram que com ela tudo seria «*business as usual*», referindo-se à burocracia habitual, que não mudaria nada. Trump alegou que consigo nada seria igual — e tinha razão. Se fosse possível resumir numa palavra o tempo de Trump no poder, essa palavra seria «caos»⁸. Mas, ao contrário do que muitos acreditaram, a atmosfera marcada pelo inesperado, o contraditório, confuso, errático, pela falta de linearidade da presidência de Trump, não foi produto de descontrolo, mas de algo muito diferente, como compreenderemos se analisarmos com mais atenção o seu percurso anterior.

«Sou descontraído», admite Trump no livro de auto-ajuda que escreveu, *The Art of the Deal*, uma obra percorrida do princípio ao fim pelo pensamento positivo. «É impossível sermos imaginativos e empreendedores se tivermos uma estrutura muito cerrada. Prefiro vir para o trabalho todos os dias e ver o que acontece.»⁹ «Por vezes só temos a ganhar se formos um pouco selvagens», confessa. Ele tem sempre uma postura de confiança em relação ao êxito, mas se a situação indicar que existe um problema, confia na sua *chutzpah**. Recorre ao «improviso e tudo acaba bem»¹⁰.

A confiança de Trump nos seus instintos e a capacidade de se «mover de forma rápida e decisiva quando chega a altura certa» aliadas à percepção fundamental da natureza fluida das coisas, ao seu carácter volátil, remontam ao filósofo grego Heraclito e reflectem-se nos últimos avanços científicos, como por exemplo na teoria do caos. Também proporcionam os alicerces da magia do caos¹¹.

* Atrevimento, audácia, improviso.

Trump acredita que «tudo pode mudar sem aviso». «É justamente por isso que tento não levar nada do que está a acontecer demasiado a sério», acrescenta¹².

Que Trump não leva as coisas demasiado a sério é notório nos diversos aforismos ambíguos que foi publicando noite adentro no Twitter ou nas entrevistas ao estilo *non sequitur*. E o que tudo isso revela na apreciação mais generosa é, afinal, uma visão flexível em relação a tópicos como a «verdade» e a «realidade». Se nesse mundo imaginário que os «defensores do caos» vêem temporariamente como real a «realidade se torna um divertimento», então as declarações de Trump, amiúde absurdas, dão-nos a impressão de que também para si a realidade não passa de uma diversão. É ainda interessante observar que, tal como acontece com o Novo Pensamento, também a magia do caos se interessa pelos resultados, isto é, em «fazer as coisas acontecerem». Aspira a «resultados visíveis pelos quais o mágico prova a si mesmo que consegue fazer coisas que antes não eram vistas como possíveis»¹³. Fazer com que um presidente seja eleito é uma dessas coisas. Chamaram a este fenómeno «mudar as fronteiras da Realidade Alcançável», o que parece outra forma de expressar o desejo de criar a própria realidade.

Outra característica que Trump parece partilhar com a magia do caos é o facto de ser um produto do pós-modernismo. Na verdade, é o primeiro «presidente pós-moderno», da mesma forma que a magia do caos é uma espécie de «ocultismo pós-moderno»¹⁴.

O pós-modernismo é uma perspectiva filosófica que surgiu no final do século xx, com influências da filosofia de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, que anteriormente haviam quebrado com a noção de verdade estável e «objectiva», a que usamos no nosso dia-a-dia e é usada na ciência. De forma sucinta, a essência do pós-modernismo — apesar de negar que tem uma «essência» — pode resumir-se à frase «tudo flui». Para o pós-modernismo as certezas científicas e racionais que construíram o mundo moderno, assim como os valores tradicionais, como a verdade, já não são relevantes. Pelo menos passaram a ser encarados com menos certeza. Muito antes de a pós-verdade» se ter tornado uma expressão comum na

política, o pós-modernismo já sabia tudo sobre isso e sobre os «factos alternativos» e as «*fake news*» associadas a essa condição. Podemos mesmo dizer que o pós-modernismo e todas as escolas de pensamento associadas, como o desconstrucionismo, prepararam o terreno para o cepticismo epistemológico que marca a consciência ocidental no presente, cultivada por Trump, que acabou por tirar dela muito proveito. A ideia de uma «verdade» maleável, flexível e relativa descende da metafísica e contaminou a mente popular com aquilo a que o filósofo Paul Ricoeur chamou a «hermenêutica da suspeita», uma espécie de niilismo cínico que tomamos por garantido no dia-a-dia, já previsto por Nietzsche um século antes. Eis porque é o nosso mundo movido por teorias da conspiração, para o qual Trump contribuiu. Para o pós-modernismo, a máxima atribuída a Haçane Sabá, «o Velho da Montanha», dirigente da antiga seita islâmica do Ismaelismo conhecida como Hashashin, ou Ordem dos Assassinos, «nada é verdade, tudo é permitido», é vista como um dado adquirido¹⁵. O mesmo acontece na magia do caos.

Ao ler as publicações *online* e os artigos dos jornais que surgiram por altura da eleição de Trump, a mensagem que entre outras sobressaía era uma clara indicação de que o que se seguiria não seria «*business as usual*». Um dos sinais mais claros de que a eleição de Trump faria o mundo político enveredar por uma direcção estranha, arrastando o resto consigo, foi a notícia que saiu no *The New York Times* sobre Steve Bannon, o chefe de estratégia da campanha dele, revelando que era um seguidor dos ocultistas italianos do século xx e do filósofo esotérico Julius Evola¹⁶. Só o facto de o *The New York Times* mencionar Evola é, por si só, surpreendente. Fazê-lo associando-o ao 45.º presidente dos Estados Unidos foi, na minha opinião, um ponto de viragem.

«Baron» Julius Evola, autor de livros sobre o Santo Graal, alquimia e outros assuntos do ocultismo, pertencia à escola de filosofia esotérica conhecida como Tradicionalismo, escola que teve a sua origem no início do século xx com a obra do sábio francês René Guénon. O tradicionalismo influenciou intelectuais respeitados como o historiador de religião Mircea Eliade, os filósofos Huston Smith e

Jacob Needleman e o economista E. F. Schumacher, autor do clássico *Small is Beautiful*. O tema central do tradicionalismo defende que a revelação primordial da verdade sobre a realidade foi apresentada à humanidade em tempos remotos, aos quais remontam todas as grandes religiões. Desde a Era Dourada da revelação primordial, a humanidade, pelo menos no Ocidente, tem vindo a cair na decadência, sendo a nossa própria Idade Moderna o ponto mais baixo e sombrio dessa queda. De acordo com o que várias vezes Guénon e Evola sublinharam, estaremos naquilo a que a tradição hindu chama *Kali Yuga*, ou, como se pensava na Grécia Antiga, Idade do Ferro, tendo-se passado para aqui chegar pela Era Dourada, da Prata e do Bronze.

O mundo moderno indignava Evola — Guénon também não perdia o seu tempo com ele — e para se lhe opor promoveu o seu próprio tipo de tradicionalismo militante. Desde o seu falecimento, em 1974, o tradicionalismo do tipo «guerreiro» de Evola deu forma a algumas variantes peculiares na política de extrema-direita que têm como objectivo derrubar a civilização moderna liberal, que detestava. A carreira de Evola é interessante para a nossa análise por ter misturado política e esoterismo. Tentou ganhar apoio primeiro junto de Mussolini, depois de Hitler e está agora a ressurgir postumamente junto de correntes da direita atraídas pelo esoterismo. Com uma escrita vigorosa, articulada e inteligente, apresentando-se em fotografias de monóculo com uma imagem requintada de aristocrata, Evola é celebrado pela *alt-right* como um dos «intelectuais» cujas ideias lhes permitem distanciar-se dos «*skinheads* racistas da velha guarda»¹⁷.

Como académico e praticante de um esoterismo abrangente nos anos 1920, Evola editou um jornal sobre o oculto, intitulado *UR*, que se debruçava sobre uma grande quantidade de temas relacionados com magia. O próprio contribuiu com muitos artigos, escritos sob diversos pseudónimos. Um dos temas em que insistia com frequência era o da capacidade de o mágico conseguir *alterar a realidade* usando apenas o poder da mente — um dos assuntos por que se interessa o Novo Pensamento, como já foi referido. Para Evola, o objectivo de um mágico é desenvolver o seu próprio poder pessoal, a sua *vontade*, que é uma espécie de força que pode ser exercitada para mudar o mundo ao seu gosto.

Saber que Bannon, conselheiro próximo de Trump, e a *alt-right* são leitores de Evola é só por si curioso, mas tudo se torna ainda mais interessante quando reconhecemos que foi por meio da «plataforma» criada por Bannon durante o tempo em que se dedicou ao *site* ultraconservador Breitbart.com que se tornou possível divulgar a magia meme que Richard Spencer acreditava ter ajudado a «levar» Trump para a presidência.

Na análise desta crescente teia de conexões comecei a vislumbrar novos fios que me levaram para territórios ainda mais estranhos. Um deles encaminhou-me para Leste. Lembrei-me de alguns artigos que vira no *Fortean Times* não havia muito tempo, sobre as estranhas políticas pós-modernas levadas a cabo pelo presidente da Rússia há uns anos. Acredita-se que os Russos tentaram influenciar as eleições presidenciais dos EUA recorrendo a sabotagem cibernética e tudo indica que em vários sentidos esta não é uma mera ideia paranóica. Depois de reler os artigos e seguindo ao longo de várias horas na internet as pistas que abriam, dei-me conta de que Trump e as pessoas em torno dele estavam a tentar concretizar o mesmo tipo de política pós-moderna já praticada por Putin há anos. Dada a relação próxima de Trump com a Rússia, pode mesmo ter sido Putin a inspirar-lhe essa ideia. Onde no caso de Trump parecia estar uma espécie de *one-man show* tendo por objectivo abalar a percepção da realidade do eleitorado, Putin tinha uma equipa bastante activa de «tecnólogos políticos», recorrendo a uma variedade de *media* para criar a realidade desejada, visando manter os súbditos entretidos com uma espécie de pão e circo electrónicos, entusiasmados com sentimentos patrióticos e nacionalistas¹⁸. Tal como Trump conta com os conselhos de Steve Bannon, que cita Evola, Putin também tem um tradicionalista no seu conselho, o especialista geopolítico Alexander Dugin.

Outrora um adolescente soviético dissidente, Dugin integra agora o sistema político e também se interessa por Evola. Aparenta ser do tipo que muda de ideologia política com facilidade, adoptando e descartando ideais — como fez com o nacional-socialismo e o fascismo —, misturando-os da mesma forma como a arte e a arquitectura pós-modernas escolhem elementos de diversos estilos.

A postura de Dugin em relação às ideologias assemelha-se a um lego, destruindo e construindo, pondo as peças de diversas formas, adicionando um pouco de Heidegger aqui e algo de Nietzsche ali para ver o que acontece. É também desta forma que os mágicos do caos usam as crenças — não para serem levadas a sério, mas como «ferramentas» que influenciam de algum modo os resultados. Nesse sentido, descobrir que Dugin também tem interesse pela magia do caos não foi uma surpresa inesperada. Nesse momento da minha viagem pela toca do coelho já estava à espera de quase tudo.

Uma das questões também importantes prende-se com o papel da União Europeia no meio de tudo isto. Muitos viram o Brexit, a saída da Grã-Bretanha da União Europeia, como um prelúdio da eleição de Trump e os nacionalistas do Reino Unido e da Europa encararam-no como um sinal do fim da União, fim por que anseiam. Enquanto norte-americano a viver em Londres, vi o crescimento do nacionalismo britânico, tal como viram muitos europeus que conheço e também vivem aqui. Para muitos dos nacionalistas no Reino Unido e «no continente», a UE é um agente da globalização, que vêem como um instrumento pelo qual a elite capitalista — maioritariamente nos Estados Unidos — irá transformar o mundo num centro comercial gigantesco, reduzindo a diversidade das pessoas com origens e culturas distintas a consumidores marcados por uma uniformidade insípida. O fenómeno das «políticas de identidade» é para eles uma consequência disso, devendo-se o seu crescimento nos últimos tempos não a ideologia nem à economia mas ao medo de se perderem as identidades nacionais, seja pela imigração em massa ou pelo consumismo global. A Rússia também não ficou feliz com a UE (para o poder russo na origem agora da crise na Crimeia e da revolução na Ucrânia, em 2014), e as observações de Dugin referentes à globalização são muitas vezes históricas.

Após o discurso inaugural de Trump, «*America First*» [América Primeiro], que deu voz à política isolacionista que parecia vir pôr cobro ao papel dos Estados Unidos como polícia do mundo — apesar de os desenvolvimentos que se seguiram indicarem que houve alguma mudança nessa linha —, a UE passou a ser tida como a

última resistente da Nova Ordem Mundial surgida após o caos da Segunda Guerra Mundial, vindo a assegurar a paz e estabilidade na Europa desde então. Esta temática lembrou-me de algo que me fez regressar ao *Politics and the Occult*.

Recordei-me de ter escrito algo relacionado com estas questões. Quando encontrei o que procurava percebi que estava certo. Existiam motivos para suspeitar que a própria União Europeia tinha raízes num tipo de política ocultista, num estranho movimento esotérico sociopolítico chamado sinarquia.

A sinarquia ficou conhecida no mundo graças aos escritos obscurantistas de um misterioso ocultista francês do século XIX chamado Alexandre Saint-Yves d'Alveydre. A sinarquia significa «governo total», opondo-se à anarquia, que quer dizer «sem governo». Após um período de popularidade nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, nas décadas de 1930 e 1940 um movimento de sinarquia clandestino chegou ao centro do Governo francês, pelo menos de acordo com alguns relatos. Pode mesmo ter sido mais tarde o responsável pela nova «psicogeografia» de Paris, pela pirâmide do Museu do Louvre e pelo «*stargate*» no imponente Grande Arco de la Défense. O objectivo da sinarquia era criar os Estados Unidos da Europa e muitos dos que escreveram sobre isto sugerem que foi um eco desta ideia — talvez mais do que um mero eco — que estaria na base da criação da União Europeia.

A sinarquia teve origem na mesma visão da revelação primordial que originou o tradicionalismo que inspiraria Julius Evola, cujas ideias sempre encontraram o caminho para o local pretendido pelo seu actor: os corredores do poder. Um dos nomes mais conhecidos ligados à sinarquia é o de René Schwaller de Lubicz, o egiptólogo e filósofo radical cujas ideias sobre «a verdadeira Era da Grande Esfinge» inspiraram todo um género literário alternativo centrado nas civilizações antigas, através de autores de êxitos de vendas como Graham Hancock. No início da sua carreira, Schwaller de Lubicz movia-se nos mesmos círculos ocultistas de Guénon, que deram origem quer ao tradicionalismo quer à sinarquia.

Estão em movimento ideias mágicas de extrema-direita na política dos Estados Unidos e da Rússia? Com uma União Europeia de

base esotérica entre ambos, último reduto da agora aparentemente em extinção Nova Ordem Mundial, resistindo desafiadoramente? Não tenho uma mente dominada por teorias da conspiração, mas a consciência de que existem irá ter um papel preponderante no relato que se segue. Com isso presente e a olhar para todo o material que reuni na investigação, comecei a reflectir: será que a Ordem e o Caos estão a munir-se de meios para se enfrentarem numa batalha mágica que irá alterar a paisagem política mundial? Está por vir algum tipo de guerra oculta, ou já começou? Evola parecia certo de que assim seria, tal como Rudolf Steiner, outro pensador esotérico. Será que o fim dos tempos se aproxima?

Sabendo-se que quer Steve Bannon quer Alexander Dugin têm ambos visões apocalípticas em relação à aproximação de um conflito decisivo, estando [no caso dos EUA, tendo estado] próximos dos homens que as podem tornar realidade, estas interrogações tornam-se bem relevantes, mesmo dramáticas. Dado que a realidade se tornou tão flexível nos nossos tempos da «pós-verdade», este pensamento é arrepiante. Se a magia meme conseguiu colocar alguém na Casa Branca, que mais conseguirá fazer? O pensamento positivo funciona? Que papel desempenha em tudo isto? O que podemos fazer em relação a isso?

O que se segue é uma espécie de relatório provisório sobre a política do oculto existente na actualidade. Uma vez que tem que ver com acontecimentos que ainda estão a decorrer, claro que muito poderá vir a ser diferente quando o futuro se concretizar. Ao escrever sobre acontecimentos contemporâneos, corre-se sempre o risco de o conteúdo estar nalguma medida desactualizado quando chega às mãos dos leitores, e o ritmo a que a mudança tem lugar tem mesmo acelerado nos últimos tempos. Facto que não se deve a magia do caos nem mesmo ao pós-modernismo, mas ao «mundo em rápida mudança em que vivemos», como escreveu também um dos fundadores da magia do caos. Se isto pode fazer com que muitos de nós se sintam desorientados, os mágicos do caos sentem-se em casa «na mudança acelerada e fragmentação da vida diária», sentimentos partilhados pelos pós-modernistas e por Trump¹⁹. Fiquei muitas vezes impressionado com a quantidade de material novo que

me ia chegando às mãos, enviado por amigos e correspondentes, ligados a um *site* ou outro, criando logo uma corrente imparável. Qualquer investigação chega, no entanto, a um momento em que deve parar, em que o escritor tem de começar a colocar caracteres no ecrã se pretender transmitir a sua mensagem.

Como o subtítulo desta obra sugere, a política ocultista tem muito que ver hoje com magia e poder. Estes são pontos de interesse em comum para mágicos e políticos, que parecem vizinhos imprevisíveis, mas na realidade têm em comum muito mais do que se estaria à espera. Estão ambos claramente interessados no poder. No poder do pensamento positivo, mas também no poder sobre os outros.

Líderes políticos, gurus e outros guias espirituais partilham de certa forma algumas características, esbatendo-se muitas vezes a diferença entre eles. Aleister Crowley, por exemplo, que era um mágico e um guru que ensinava os outros a encontrar a sua «verdadeira vontade», também se empenhou em ter influência política. Um guru com influência sobre os seus discípulos está a fazer a uma escala mais reduzida aquilo que na verdade um dirigente carismático faz a uma nação. Em ambos os casos o poder envolvido pode ficar descontrolado, fazendo mal quer ao guru quer aos discípulos. Na escala alargada da política pode levar à guerra e à destruição de nações. De onde vem essa estranha necessidade de liderar e arrastar? O que é esta vontade de poder? Porque o procuramos? Tem de ter sempre este carácter corruptivo? Os dirigentes carismáticos lançam um feitiço sobre os seguidores da mesma forma que um mágico quando quer encantar alguém. O poder da imagem, o *glamour*, a autoconfiança está presente em ambos os casos — tal como na prática de qualquer charlatão. O agente operativo é a imaginação. Seja por meio de formas tradicionais ou na nova forma electrónica.

Se tivermos consciência de que a imaginação não passa de «faz-de-conta», um substituto irreal para uma realidade constrangedora, então conseguiremos dar os passos necessários para nos proteger e ignorar o «pensamento positivo» considerando-o como algo absurdo. Mas e se a realidade não for assim tão complexa, se estivermos convencidos de que a imaginação pode «tornar algo real», como

nos asseveraram mágicos ao longo de séculos? E se o pensamento positivo funcionar?

A política e o oculto podem parecer companheiros improváveis. Mas haverá num mundo da pós-verdade alguma coisa que ainda possamos continuar a considerar estranha? Se a realidade de hoje está a ser disputada do modo como referi e este livro tentará mostrar, não deveríamos fazer alguma coisa para tomarmos nas mãos as rédeas do nosso destino antes que alguém o faça por nós?

Olhemos para o horizonte e descortinemos a ameaça da estrela negra que continua a pairar sobre nós.